

Capítulo 31

Ensino de Libras como segunda língua: análise do processo de ensino/aprendizagem dos estudantes do Projeto ASAS

Welbert Vinícius de Souza Sansão¹

Anabela Cruz-Santos²

Introdução

A acessibilidade em espaços públicos tem sido alvo de constantes pesquisas, reflexões e debates. A Secretaria Especial dos Direitos da Pessoa com Deficiência define que a “acessibilidade é um atributo essencial do ambiente que garante a melhoria da qualidade de vida das pessoas” (BRASIL, 2017). Entretanto, ao analisar essa definição, percebem-se as limitações de sentido ligadas ao termo “ambiente”, que comumente é relacionado à acessibilidade arquitetônica, não abrangendo todos os contextos envolvidos. Assim, propiciar acessibilidade é a garantia de um “ambiente”, orgânico ou não, fundamentado a partir de políticas públicas que assegurem e implementem direitos a *todos* a fim de possibilitar viver de forma independente e em igualdade de acesso em todos os campos.

1 Doutorando em Estudos da Criança na Especialidade de Educação Especial, Centro de Investigação em Educação (CIEd), Instituto de Educação, Universidade do Minho (Portugal), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras (UFLA), Professor de Libras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (CECULT), membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Interiorização da Língua de Sinais (NEPILS) e do grupo de pesquisa Práticas Pedagógicas orientadas pela teoria Histórico-Cultural. E-mail: welbert.sansao@gmail.com

2 Doutora em Estudos da Criança, especialização em Educação Especial pela Universidade do Minho. Professora Auxiliar do Departamento de Psicologia da Educação e Educação Especial do Instituto de Educação da Universidade do Minho e investigadora integrada do Centro de Investigação em Educação (CIEd). E-mail: acs@ie.uminho.pt

Neste sentido, considerando as especificidades da comunidade Surda, a língua assume esse papel na garantia da acessibilidade linguística. Após lutas históricas pelo reconhecimento linguístico, o Estado sancionou a Lei nº 10.436, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua das comunidades de pessoas surda (BRASIL, 2002). A partir desse marco histórico, os surdos brasileiros conseguiram outra conquista: a promulgação do Decreto 5626/05, que elenca os direitos à acessibilidade linguística nas diversas áreas como, por exemplo, na Educação, no atendimento em serviços públicos e na Saúde.

No que se refere à Saúde, o capítulo VII aborda quanto a “garantia do direito à saúde das pessoas surdas ou com deficiência auditiva” (BRASIL, 2005), determinando que, a partir de 2005, o atendimento à comunidade Surda na rede de serviços do Sistema Único de Saúde (SUS), bem como nas empresas privadas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde, seja realizado por profissionais capacitados para o uso de Libras ou para a tradução e interpretação Libras-Língua Portuguesa.

Logo, nota-se a importância da difusão dos conhecimentos sobre a Libras, que incluem a formação dos futuros profissionais da saúde, com vistas ao atendimento adequado, estabelecimento de vínculo e maior resolução de problemas, considerando as especificidades dessa comunidade (LEVINO *et al*, 2013).

É sob esta premissa que surgiu o projeto de extensão Acessibilidade na Saúde em Atendimentos aos Surdos (ASAS)³ da Universidade Federal de Lavras, em Minas Gerais. Este projeto visa à formação de discentes da área de saúde para atenderem a comunidade Surda com qualidade, estimulando a abordagem multiprofissional e integrando as diversas áreas do conhecimento, além da conscientização dos profissionais e acadêmicos acerca das especificidades da cultura Surda.

Neste sentido, o projeto foi realizado em duas etapas. No primeiro momento, realizou-se um curso de Libras para os discentes e, no segundo momento, foram feitos os atendimentos de saúde junto à comunidade Surda. Neste artigo,

³ A motivação para criação deste projeto advém do projeto de extensão interinstitucional “Libras e Saúde: Acessibilidade no atendimento clínico”, desenvolvido pelas Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que visa à melhoria na qualidade do acesso à saúde por parte das pessoas com surdez – surdos sinalizadores e pessoas com deficiência auditiva.

serão abordadas as práticas de ensino de Libras como segunda língua (L2), atendendo-se aos dados coletados na primeira etapa do projeto. Nessa etapa, a proposta do curso de formação teve por objetivo o desenvolvimento o desenvolvimento de competência linguística de aprendizes de L2, que segundo Chomsky (1978), refere-se ao conhecimento adquirido de uma língua e sua relação com uso efetivo da língua em situações concretas. Associada a competência comunicativa, realizamos a produção de materiais e atividades para os estudantes desse projeto. Para tanto, este trabalho objetiva analisar sobre as possibilidades de imersão em práticas sociais de linguagem a partir de vídeos quase autênticos.

Espera-se que este trabalho possa propiciar uma discussão quanto aos processos de aprendizagem de Libras como L2, bem como a proposição de metodologias que visem o desenvolvimento de competência linguística e comunicativa.

O ensino de Libras como L2

Segundo Mota (2008, p. 15) falando sobre o “[...] termo segunda língua, a língua tem um papel institucional e social bem consolidado na comunidade em que o aprendiz está inserido. Além disso, ela é reconhecida como a língua de comunicação entre os membros daquela sociedade”. Assim, a Libras é considerada uma segunda língua no Brasil⁴, para os brasileiros ouvintes/não surdos.

No entanto, o ensino da Libras como L2 possui a peculiaridade da modalidade linguística como elemento “desafiador” para as pessoas ouvintes, que têm em sua língua materna (o português) a modalidade oral-auditiva e passam a estudar uma língua da modalidade viso-espacial (a Libras), precisando, dessa forma, emergir em uma outra cultura e em outra forma de organização do sistema linguístico, predominantemente visual. Para elas, é necessário “no processo de aquisição da língua, refinar a visão para apreender a totalidade do discurso em língua de sinais, visto que o discurso em língua de sinais é produzido na espacialidade” (NASCIMENTO; BEZERRA, 2009, p. 249).

⁴ No caso dos Surdos, a Libras é tida como a primeira língua dos centros urbanos do Brasil, e a Língua Portuguesa configura-se como a segunda língua para eles, ou seja, é o inverso do que é para os ouvintes brasileiros.

Visto que o processo de aprendizagem da Libras se dá por meio da produção da sinalização num espaço, esse necessita explorar a visualidade. Isso torna o processo de aprendizagem desafiador posto que:

[...] o complexo processo de aprendizagem de uma língua sinalizada está no fato de que por ser uma língua de modalidade linguística diferente do português, existe a necessidade de reorganização simbólica do conceito de língua e de maior reelaboração de habilidades motoras para o uso dos articuladores que são as mãos e a visão, além da resignificação da espacialidade como lugar de discurso (NASCIMENTO; BEZERRA 2004, p. 77).

Considerando essa especificidade linguística, faz-se necessário realizar proposições de metodologias que contemplem essa modalidade. No Brasil, historicamente, de acordo com Lacerda, Caporali e Lodi (2004), o ensino de língua de sinais foi realizado por pessoas ouvintes fluentes em Libras. Essas pessoas buscavam passar seu conhecimento e, nesse sentido, foram criados vários pequenos dicionários/cartilhas, que continham o registro de alguns sinais fotografados ou desenhados, que eram divulgados como material básico para a aprendizagem da Libras.

No entanto, esses materiais não conseguiam atingir de forma natural e significativa o objetivo: a aprendizagem da Libras com enfoque na competência linguística e comunicativa para a fluência (CHOMSKY, 1978). Por exemplo, um dos parâmetros fonológicos da Libras é o movimento e, infelizmente, a produção dos materiais realizados nas cartilhas não davam a visualização real do movimento, por conta da falta de tridimensionalidade. Conforme atestam Lebedeff e Santos (2014, p. 1077), “muitas cartilhas utilizam a estratégia de desenhar flechas para indicar direção e pontilhados para informar movimento. Entretanto, não são informações claras e precisas”.

Assim, devido a essa especificidade atrelada à modalidade da Libras, tanto na produção quanto na recepção, os vídeos podem ser recursos didáticos utilizados no ensino de L2. Todavia, apenas vídeos de léxicos, sem nenhum contexto, não possibilitam a imersão em práticas sociais da linguagem. Segundo Bakhtin (2003), o ensino da língua não deve ser direcionado pela gramaticalização apenas, mas pela abordagem da variação estilística no uso dessa língua no cotidiano, na discursividade, ou seja, o aprendizado da língua pela língua deve se dar em

situações reais de interação. Neste sentido, o uso de vídeos quase autênticos que simulam situações reais parece assumir um papel instrumental na aprendizagem de Libras como L2.

Uso de vídeos quase autênticos para o ensino de Libras como L2

A língua é o produto da cultura de um povo que carrega identidade e historicidade. Assim, o ensino de Libras não pode estar dissociado da Cultura dos surdos. Para que o aprendizado seja efetivo, faz-se necessário propor situações reais de interação, nos quais, a partir do discurso do sujeito Surdo, sejam realizadas intervenções pedagógicas de ensino. Leffa (1988) explicita que a ênfase da aprendizagem não está na forma linguística, mas centrada na comunicação. Assim, as formas linguísticas podem ser abordadas, quando necessárias, para desenvolver a competência comunicativa, a depender da sua importância no evento comunicativo.

Leffa (1988) comenta que o desenvolvimento de uma competência linguística se relaciona não somente ao aprendizado da língua em si, mas também ao uso dela na comunicação. Gesser (2010, p. 30) explicita que esta abordagem para o ensino de línguas possui inúmeras possibilidades como:

o ensino centrado no aprendiz; aprendizagem cooperativa, que dá prioridade às atividades em grupo; aprendizagem interativa, que “[...] oportuniza momentos de interações genuínas, cujo foco estará para a negociação dos significados no uso de linguagem”; *educação da língua como um todo, com “[...] um foco holístico para o ensino de línguas, cuja ênfase está para situações e contextos reais de uso de Linguagem”*. (grifo nosso)

Assim, diante de tantas possibilidades de ensino, destaca-se o enfoque holístico, que tem como embasamento instrumental materiais quase autênticos usados para a aprendizagem de L2. Segundo Leffa (1988), esse material autêntico refere-se a diálogos em situações reais de uso, na qual os protagonistas são nativos da língua de ensino. Sedrez (2014) acrescenta que a produção desses materiais quase autênticos promove o desenvolvimento da competência comunicativa, da colaboração, da interação, dos aspectos sociolinguísticos e culturais dos estudantes.

Partindo dessa premissa, a produção de vídeos quase autênticos, tendo Surdos como protagonistas e em situações reais de comunicação, podem propiciar uma aprendizagem significativa no ensino de Libras como L2. Lebedeff e Santos (2014, p. 1087) corroboram com isso, afirmando que a língua é um sistema coletivo, assim, faz-se necessário formular “situações reais de interação social em Libras por meio dos vídeos de curta-metragem”, que favoreçam os estudantes ouvintes “compreenderem os diferentes contextos comunicativos, bem como a sua própria ação comunicativa em Libras”.

Percurso metodológico

De acordo com Sansão (2020, p. 69), “definir a opção metodológica é pensar nos caminhos a serem percorridos no processo de investigação, aspecto fundamental a ser considerado pelo pesquisador”. Assim, diante do objetivo da pesquisa — que analisa as possibilidades de imersão em práticas sociais de linguagem a partir de vídeos quase autênticos —, os procedimentos metodológicos da presente pesquisa foram divididos em cinco etapas: (1) definição dos roteiros; (2) produção de vídeos quase autênticos; (3) intervenção nas aulas de Libras do Projeto ASAS; (4) tratamento e análise dos dados coletados (5) considerações acerca das oportunidades de pesquisa.

A pesquisa foi desenvolvida⁵ com vinte e dois estudantes do Projeto ASAS, oriundos de cursos da área da saúde (Educação Física, Medicina e Nutrição) da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Para a formação de Libras desses discentes, realizamos, inicialmente, a definição de roteiros para a produção dos vídeos, levando em consideração a temática do projeto. Segundo Lebedeff e Santos (2014, p. 1084), “para a produção dos vídeos de curta-metragem em Libras, primeiramente, cria-se uma espécie de sinopse da história, chamada de *storyline* e, em seguida, é criado um roteiro com cada uma das cenas, no qual o cenário e as ‘falas’ são elencados”. Assim, foi organizada uma equipe de consultoria que incluía médicos, nutricionistas, educadores físicos, revisores Surdos, professores

⁵ Esta pesquisa realizou-se no período que compreende entre o segundo semestre de 2017 e o primeiro semestre de 2018.

e intérpretes de Libras para a confecção dos roteiros. As temáticas perpassam tópicos tais como *anamnese*, consultas gerais, consultas pré-operatórias, corpo humano, nutrição, dentre outros.

No segundo momento, realizou-se a produção desses vídeos a partir dos roteiros propostos pela equipe de consultoria, tendo Surdos como protagonistas. Esses roteiros visam a nortear temática do atendimento e os procedimentos a serem realizados, não o engessamento das práticas. Assim, no momento da filmagem, oportunizou-se, ao máximo, que os Surdos se sentissem confortáveis e compreendessem o roteiro, para que esses pudessem sinalizar como se estivessem em situações reais de comunicação, conforme mostra a figura 1.

Figura 1: Vídeo quase autêntico em Libras na área da Saúde

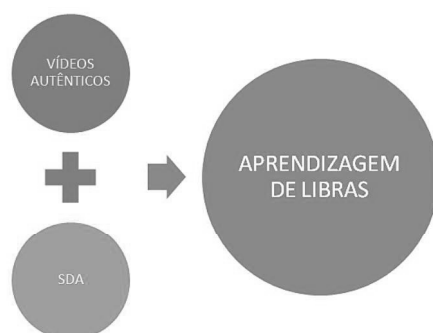


Fonte: os autores.

Em seguida, após a produção do material, realizou-se a intervenção nas aulas de formação do Projeto ASAS. No processo de ensino-aprendizagem, destaca-se a importância da intencionalidade pedagógica (SANSÃO, 2020). Assim, o material em si é apenas um instrumento, sua funcionalidade será definida pelo mediador/professor, que determinará a metodologia que utilizará em suas aulas, pois “as aulas são dinâmicas e se deparam com variáveis, tais como: a metodologia empregada pelo professor, a receptividade da turma com determinada metodologia de ensino, a diversidade de alunos, entre outros” (LEBEDEFF; SANTOS, 2014, p. 1084). Partindo dessa premissa, as atividades foram realizadas norteadas sob o conceito metodológico das Situações Desencadeadoras de Aprendizagem (SDA).

Uma das formas de intervenção metodológica assumidas nas SDA diz respeito à problematização de situações emergentes do cotidiano, que oportunizam colocar o estudante diante da necessidade de vivenciar a solução de problemas significativos para ela (MOURA; ARAÚJO; SERRÃO, 1996). Assim sendo, as intervenções foram definidas a partir da realidade dos estudantes, buscando relacionar os vídeos quase autênticos às vivências do estágio e ao aprendizado das aulas de Libras (Figura 2).

Figura 2: Metodologia de ensino de Libras como L2



Fonte: os autores.

As atividades desenvolvidas em sala de aula foram devidamente documentadas, por meio de gravadores de áudio e vídeo, entrevistas semiestruturadas e diário de bordo. Esses dados foram analisados sob a perspectiva da análise interpretativa (MOITA LOPES, 1994) para verificar o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes. Segundo Moita Lopes (1994) na perspectiva interpretativista, os múltiplos significados que compõem a realidade são passíveis de análise. Nessa, é o fator qualitativo que interessa. Durante a realização deste tipo de pesquisa, o investigador interpreta os significados construídos pelos participantes em sala de aula. No tópico a seguir, serão apresentados alguns resultados obtidos a partir dessa análise.

Análise do processo de aprendizagem dos estudantes do Projeto ASAS

O objetivo principal da utilização dos vídeos nas aulas de Libras é focalizar as práticas sociais de linguagem concretizadas pelos protagonistas, a fim de discutir o uso em contextos emergentes do cotidiano. Assim, a utilização desses vídeos explorou não apenas o aspecto conceitual, mas também o visual. Por meio das pistas contextuais presentes no cenário de filmagem, os estudantes puderam realizar uma elaboração conceitual da temática do vídeo, antes mesmo do início do discurso apresentado no vídeo (LEBEDEFF; SANTOS, 2014).

Figura 3: Aprendendo sinais do Corpo Humano



Fonte: O Autor

Na figura acima, pode-se perceber que os vídeos quase autênticos se aliam à visualidade e à língua, dois elementos potencializadores da aprendizagem. Notou-se que os estudantes desenvolveram suas competências linguísticas em um curto período, passando a utilizar a Libras para atendimento dos Surdos nas unidades de saúde. Os estudantes comentaram que os vídeos foram fundamentais, pois seguiam uma roteirização que contemplava a sua realidade.

Além disso, a participação de Surdos na produção do material foi fator contribuinte, isto porque as escolhas lexicais, bem como a própria ação comunicativa, abarcavam a própria Língua e cultura da comunidade surda. Esses elementos foram explorados pelo professor de Libras que, ao mesmo tempo, problematizou sobre aspectos da historicidade, da cultura e da identidade Surda, numa abordagem sócio antropológica da Surdez (GESSER, 2010).

Segundo Bakhtin (2003, p. 261), “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana”. Assim, ao apresentar esses vídeos quase autênticos, o professor tentou explorar as múltiplas formas de uso da Língua de Sinais em diferentes campos da atividade humana. Essas dizem respeito à reflexão quanto ao uso do léxico e demonstração desse em outros contextos, sistematização de sinais, a produção e, por fim, a tradução.

Além disso, pode-se perceber, a partir da produção dos estudantes, que esses haviam desenvolvido competências linguísticas que possibilitaram realizar feiras de saúde, oportunizando o atendimento à comunidade surda em sua própria língua. Com o *feedback* dos Surdos, professores e os assistidos pelo projeto, conseguimos constatar que os vídeos autênticos utilizados em SDA, possibilitaram os estudantes do Projeto ASAS emergirem em práticas sociais de linguagem. Considerando-se que esses materiais apresentam situações reais de comunicação, as quais estão situadas sócio histórica e culturalmente, destacam-se as potencialidades instrumentais e metodológicas do uso de materiais autênticos no ensino de L2.

Algumas Considerações

Discutiui-se neste trabalho, as potencialidades instrumentais dos materiais quase autênticos no ensino de Libras como L2, na qual são exploradas as especificidades linguísticas, culturais e teóricas da comunidade surda. A partir da análise, verificou-se que a Libras, por se tratar de uma modalidade viso-espacial, faz-se imprescindível o uso da interpretação visual (entender o que se vê) conjugado à experiência visual (contextualizar o que se vê), resultando na representação por signo (sinal).

Assim, destacam-se as potencialidades desses materiais no processo de imersão em práticas sociais de linguagem e, por sua vez, no desenvolvimento da aprendizagem. Isto porque a proposta de produção desses vídeos direciona a aprendizagem da Libras em situações emergentes que exigem interação. Assim,

a aquisição desses conhecimentos perpassa pelo princípio da práxis, na qual o estudante poderá colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula, em um processo dialético.

Neste sentido, o uso de vídeos quase autênticos utilizados em SDA, baseados na contextualização imagética dos vídeos em Libras e a sistematização dos contextos de utilização do léxico proporcionam uma maior eficácia no aprendizado do idioma e, por consequência, possibilitam uma maior possibilidade de efetivação da acessibilidade no âmbito da saúde.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 23 abr. 2020.

BRASIL. Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 23 abr. 2020.

BRASIL. Fundação Escola Nacional de Administração Pública. Cartilha Programa de Inclusão de Pessoas com Deficiência. Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ena.gov.br>. Acesso em: 25 abr. 2020.

CHOMSKY, N. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra: Armênio Amado Ed., 1978.

GESSER, A. *Metodologia de ensino em Libras como L2*. Trabalho de Conclusão Curso (Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

LACERDA, C. B. F.; CAPORALI, S. A.; LODI, A. C. Questões preliminares sobre o ensino de língua de sinais a ouvintes: reflexões sobre a prática. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, 16(1): 53-63, abril, 2004.

LEBEDEFF, T. B.; SANTOS, A. N. Objetos de aprendizagem para o ensino de línguas: vídeos de curta-metragem e o ensino de Libras. *Rev. bras. linguíst. apl.*, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1073-1094, 2014.

LEFFA, V. J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. p. 211-236.

LEVINO, D. A. *et al.* Libras na Graduação Médica: o Despertar para uma Nova Língua.

Rev. Brasileira de Educação Médica, 2012. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v37n2/18.pdf>>. Acesso em 24 abr. 2020.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa Interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução. *DELTA*, Vol 10, nº2, p. 329-338, 1994.

MOTA, M. B. *Aquisição de segunda língua*. Centro de Comunicação e Expressão – CCE. UFSC: Santa Catarina, 2008.

MOURA, M. O.; ARAÚJO, E. S.; SERRÃO, M. I. B. *Atividade Orientadora de Ensino: fundamentos*. Brasília: Linhas Críticas, 2019.

NASCIMENTO, M. V.; BEZERRA, T. C. Dupla docência no ensino de língua brasileira de sinais: interação surdo/ouvinte em perspectiva dialógico-polifônica. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012.

SANSÃO, W. V. S. *O ensino de geometria plana: Uma análise do desenvolvimento do pensamento teórico de Surdos em situações desencadeadoras de aprendizagem*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2020.

SEDREZ, N. H. *Reusabilidade de Objetos de Aprendizagem de Línguas para alunos surdos e ouvintes*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2014.